

MACABÉA E A VISUALIDADE NO ESPAÇO UBARNO EM A HORA DA ESTRELA DE CLARICE LISPECTOR

Autor: Eliene Rodrigues Sousa

Doutoranda em Letras

Universidade Federal do Tocantins – UFT – liaelienerodrigues@gmail.com

RESUMO

Esse estudo é resultado da nossa dissertação de mestrado que se propôs a analisar as relações dos elementos visuais com a personagem Macabéa da obra *A hora da estrela* de Clarice Lispector publicada em 1977. Nesse contexto, situamos Macabéa, uma nordestina, que tenta conviver com esses símbolos visuais na cidade grande, o Rio de Janeiro. Constatamos que a obra em estudo é permeada de elementos visuais: a propaganda, o jornal, os anúncios, o retrato, a pintura, o quadro, o espelho e a fotografia. Além disso, esse estudo propõe uma reflexão acerca das possibilidades de se perceber os aspectos visuais, por meio do letramento literário. Desse modo, entendemos que o letramento literário é um viés para a compreensão da relação entre literatura e artes visuais. Espera-se com isso, promover um diálogo entre o ensino de literatura e outras artes e dissolver as barreiras criadas pelo currículo escolar entre as duas disciplinas.

Palavras-chave: A hora da estrela. Clarice Lispector. Visualidade. Espaço urbano.

Introdução

Nesse trabalho, apresentamos uma reflexão sobre a linguagem figurativa de Clarice Lispector na obra *A hora da estrela* (1977) e o apelo aos símbolos visuais nessa mesma narrativa. O objetivo é compreender as várias interpretações e significações que esses elementos visuais atribuem ao texto. Além disso, pretendemos verificar de que forma estes usos colaboram para “pintura” e o “desenho” da personagem Macabéa.

Vale notar que nessa obra a autora, por meio do narrador Rodrigo S.M., também se utiliza das referências visuais para “dar vida” à nordestina. Esta, sempre aparece na obra condicionada aos símbolos visuais. Aliás, veremos que durante toda a obra, o narrador-personagem usa termos próprios do escultor, do escritor, do fotógrafo e do pintor para “desenhar” sua personagem Macabéa.

Este estudo mostra ainda como as discussões aqui levantadas tentam promover um diálogo entre a escrita e outras manifestações artísticas na obra *A hora da estrela*. Mais especificamente, apresenta-se um diálogo entre a literatura e a visualidade. Assim, fica evidente que Clarice Lispector dialoga através de sua escrita com diversos elementos artísticos.

Veremos como essas referências à fotografia, à pintura, ao retrato e às imagens publicitárias, elencadas na obra, estão relacionadas ao espaço urbano e como os elementos visuais contribuem para a representação do espaço urbano no romance. Tomando este direcionamento como ponto de referência, reportamo-nos às relações visuais no espaço da cidade em *A hora da estrela*.

Nesse sentido, podemos dizer que os símbolos visuais servem para situar e deslocar a personagem Macabéa na cidade grande. Além disso, percebemos que esses elementos visuais são fortemente evidenciados a partir da própria materialidade do texto literário.

Revisão de Literatura

A hora da Estrela é uma narrativa que destaca a vida e a vinda de Macabéa, nascida no sertão alagoano, para o Rio de Janeiro. Essa história apresenta os desejos de uma vida sem perspectivas de um futuro. Nesse sentido, personifica-se nela parte do estereótipo do nordestino, cuja sina é tentar sobreviver em uma cidade grande. No novo espaço, para conseguir alcançar o dia seguinte a protagonista precisa ressignificar-se na sedução visual no estranhamento, na angústia ou sonho, na esperança ou no medo.

Sendo assim, consideramos uma reflexão sobre esse espaço urbano da narrativa, e de antemão, admitimos que este está intimamente ligado aos demais elementos (enredo, personagem e os símbolos visuais em geral), de modo que a espacialidade não apenas congrega a narrativa, o mundo e a vida das personagens, mas também as projeta, sendo ao mesmo tempo por elas construída. É esse espaço sobre o qual nos debruçamos, “cidade toda feita contra ela” (LISPECTOR, 1998, p.15), que possibilita, dentre outras coisas, a ocorrência de muitos conflitos – verdadeiros motores da estrutura narrativa.

Porém, Renato Cordeiro Gomes adverte: “essa cidade geometrizar torna-se obscura e desorienta os sentidos com sua arquitetura sem fim”. Deste modo, “só é possível atingir essa fixidez do espaço urbano se nele for observada a interação do sujeito” (1994, p. 25).

Outro teórico que também percebe o sujeito como peça central para entender essa espacialidade é Kevin Lynch. Em *A Imagem da Cidade*, ele ressalta que “uma cidade é um espaço com muitas funções”, e que suas formas devem ser, de algum modo, “descompromissadas e adaptáveis às percepções de seus cidadãos”. Estes, por sua vez, impregnam no ambiente citadino seus próprios significados e relações. Assim, as características próprias de cada personagem demandarão determinado retrato da realidade vivida (LYNCH, 1997 p. 101-102).

Toda essa dinâmica torna-se bastante evidente em *A Hora da Estrela*, talvez mais do que em qualquer outra obra de Clarice: “E foi passeando pelo Rio de Janeiro que a nordestina e judia Clarice Lispector [...] flagrou [...] no olhar de uma nordestina, na feira de São Cristóvão, essa personagem. [...] Foi num domingo, em que costumava passear pela cidade” (GOTLIB, 1995, p. 472).

Na história, o narrador Rodrigo S.M. descreve essa cidade, o Rio de Janeiro, como “inacreditável”. Um lugar aonde Macabéa viria a morar, “numa vaga de quarto compartilhado com mais quatro moças balconistas das Lojas Americanas” (LISPECTOR, 1998, p.30). Emerge aqui o retrato da vida humilde de uma moça que vivia em um meio bastante adverso. O quarto em que morava era próximo a um imundo cais do porto. Um pouco mais adiante no texto encontra-se a descrição do espaço da “Rua do Acre... Os gordos ratos da Rua do Acre. Lá é que não piso, pois tenho terror sem nenhuma vergonha do pardo pedaço de vida imunda” (LISPECTOR, 1998, p.30).

Resultados e Discussões

Essa visualidade da cidade na literatura brasileira não parece ser apenas o resultado de uma intensa urbanização do país – o que ocorreu principalmente a partir da segunda metade do século passado; o espaço urbano opera para além dessa relação, potencializando o espírito inventivo do escritor. Mais do que mera manifestação da engenhosidade humana, a cidade é uma substância gerativa e projetiva das personagens e de seus novos, como indica Renato Cordeiro Gomes: “ler a cidade consiste não em reproduzir o visível, mas torná-la visível” esse “ambiente construído” pela imaginação e força dos homens. Em outras palavras, esse espaço que permite enxergar/articular com maior amplitude e profundidade a instauração de relações econômicas, sociais e culturais entre o homem e seu próximo e/ou entre o homem e a própria cidade (GOMES, 1994, p. 23;34).

Olga de Sá (1979) é uma das estudiosas que se dedicam a análise desse universo urbano (o cinema, a câmera, os artistas, as luzes, o brilho) que se introjeta nos desejos e características da protagonista. Situando a nordestina na marginalidade do divino, Sá circunscreve-a em certa feminilidade, sedução, e ao mesmo tempo, certa miséria e desgraça sempre presentes.

Notamos que para construir cada personae o espaço citadino também se multiplica em elementos visuais (anúncios, propagandas, cinema, retratos, jornal). É claro que, por ser a protagonista da história, Macabéa é a personagem na qual as relações urbano-humano se tornam mais nítidas.

A história de Macabéa é regada, pois, a rádio, cinema, jornais e revistas, músicas, publicidade e cultura de almanaque – pano de fundo cultural da história melodramática, que tanto pode ser “lamento de um bule” como “história lacrimogênica de cordel”, conforme dois irônicos títulos do romance. O narrador, com os dados culturais dessa classe que chama de “gentinha” e “zé-povinho”, enfeita a sua narrativa – consciente desse fazer-se metafolhetim, em “história em

tecnicolor para ter algum luxo, por Deus, que eu também preciso”, afirma Clarice Lispector na “Dedicatória” (GOTLIB, 1995, p. 470, *grifos nossos*).

Embora Clarice Lispector fosse classificada pelos críticos como uma autora da terceira geração modernista brasileira, suas obras não se ajustavam com veemência ao romance social de 1930, como é o caso da obra *A hora da estrela*. Nesse romance, a autora manteve sua singularidade em relação à construção, autoria, composição, forma e estilo literário. Tal percurso nos faz inferir que o livro se trata de sua resposta aos críticos que a julgavam avessa à realidade social brasileira.

Clarice Lispector sempre esteve à frente das tendências literárias e isso a conservou na direção contrária das manifestações artísticas regionalistas da época. Assim, com a publicação de *A hora da estrela* (1977), ela resgata o compromisso social com seu público, e confere à sua obra uma conotação fortemente social, o que contrasta com sua primeira publicação, *Perto do Coração Selvagem* (1944), considerada por alguns críticos uma produção intimista, filosófica e existencialista. Em suma, a escrita clariceana encontrava-se na contramão dos temas e linguagens propostos pelo movimento modernista.

No entanto, cabe-nos observar que *A hora da estrela* promove muito mais que uma conotação social das personagens e do espaço físico, a obra agencia (em certa medida, ousamos dizer) a refração das experiências de Clarice; analisa e (re)cria, na tela e nas letras, a vida de uma retirante nordestina marginalizada na cidade do Rio de Janeiro, tropeçando com suas deficiências e despreparos para o meio profissional, cultural e social.

Nesse contexto, em *A hora da estrela*, percebe-se que a protagonista Macabéa é representada pelo narrador, Rodrigo S.M., como uma denúncia da alienação social aos demais indivíduos que se assemelha a Macabéa: órfã, nordestina, semianalfabeta e pobre que vivendo em um grande centro. Essa delação se torna mais evidente, quando o narrador contrasta sua situação de miséria com o sonho, sua ilusão de futuro – a alagoana, apesar de pobre, deseja ser artista de cinema: “Sabe o que eu mais queria na vida? Pois era ser artista de cinema. Só vou ao cinema no dia em que o chefe me paga. Eu escolho cinema poeira, sai mais barato. Adoro as artistas” (LISPECTOR, 1998, p. 65).

Em consonância com Renato Cordeiro Gomes, cremos que a cidade moderna é concebida “[...] como aquela engendrada pelo capitalismo burguês, a partir da Revolução Industrial” (GOMES, 1994, p. 15). E, por consequência desses processos que contribuíram para sua formação, o espaço urbano é o lugar onde se sentem de maneira intensa os efeitos do sistema capitalista e da industrialização. Assim, conforme assinala o autor, “o Rio de Janeiro — civiliza-se sob o patrocínio do poder, das elites aburguesadas”, o que significava elevar-se aos mesmos padrões da economia

européia (GOMES, 1994, p. 104). Com efeito, apesar de ser possível identificar, latente na narrativa clariceana, alguns prováveis benefícios do progresso urbano, é a denúncia das mazelas geradoras de uma “modernização excludente” (*idem*, p. 149), que se notabiliza.

Conclusão

Macabéa é uma das vítimas desse “turbilhão” que é a cidade grande, repleta de símbolos e imagens diversas: o rádio, o cinema, os anúncios, as propagandas, marcas de produtos. Mas ela não possui condições de lê-los; quer apenas ser estrela de cinema. Sob esse anseio de ser atriz, o narrador localiza uma explícita ignorância infantil, um psicologismo do homem selvagem, selvagem e, ao mesmo tempo, uma inocência comparada à da própria Marilyn Monroe, que Macabéa tanto admirava. O futuro desse seu sonho é sempre frustração, pois ela não é dotada da mesma beleza e sensualidade de seu ídolo. Além disso, enquanto em Monroe a inocência adquire um aspecto simbólico sedutor, na protagonista ela se apresenta rudimentar ou primitiva.

Macabéa não é uma consumista, em sentido estrito, porque não tem a mínima condição para isso. Na verdade, ela é encantada com o consumo inatingível, e experimenta certo prazer na mera contemplação dos bens que não pode ter ou personalidades que não pode ser. Assim, ser atropelada por um “Mercedes amarelo”, veículo que representa o ideal de consumo de muitas pessoas, é quase um deleite para quem sequer tem recursos para adquirir uma bicicleta.

No final da narrativa esse carro (ícone da velocidade) torna-se signo maior da cidade moderna, e “apanha” o sujeito que há pouco descobria-se um ser “grávido de futuro”. Essa abordagem de Benedito Nunes (1995) nos faz entender que em Clarice Lispector, o drama da nordestina devorada pela cidade é também um drama da linguagem simbólica.

Reiteramos que, mais que uma refração de sua época, a obra é prenúncio das transformações sociais, culturais, políticas e principalmente, econômicas que a sociedade brasileira passaria após a década de 70. A autora expõe o poder da cultura industrial que mudaria o modo de viver das pessoas, analisa como os meios de comunicação e a publicidade corromperam os costumes e a maneira de pensar do povo; como eles se fizeram aparatos na manutenção da opressão social, marginalização e alienação.

Até aqui, verificamos que com o desenvolvimento desta proposta, verificou-se que a imagem da cidade nas obras literárias do século XX caracteriza-se pela modernização, alvo de críticas de muitos teóricos por causa de seus impactos profundamente negativos na vida social. Com efeito, *A hora da estrela* não é exceção, já que aborda com uma amplitude metafísica na presença do sujeito

marginal na cidade grande, marcada não apenas por transformações geográficas, mas também, por alterações nas relações entre as pessoas e a espacialidade.

Nesse contexto, não podemos negar que as cidades - com suas vias e desvios, suas ruas expressas e becos sem saída, com suas artérias por onde correm os dramas sociais e humanos - são uma espécie de imagem privilegiada com a qual a crítica contemporânea se depara. Essa imagem surge no próprio texto literário. É a obra clariceana que esboça o reflexo dessa cidade, e que insere a nordestina no mesmo espaço, revelando os modos de absorção de Macabéa pela cultura moderna. Assim, nosso trabalho empreende a tentativa de, como assinala Renato Cordeiro Gomes (1994), tornar a imagem da cidade mais visível através da obra *A hora da estrela*, considerando que é nesse espaço onde se desenvolvem relações econômicas, sociais e culturais entre os homens e entre estes e a própria cidade.

Referências

- GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade:** literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- GOTLIB, Nádya Battella. **Clarice:** Uma vida que se conta. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1995.
- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** Trad. de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NUNES, Benedito. **O drama da linguagem:** uma leitura de Clarice Lispector. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1995.
- SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector.** Petrópolis: Vozes; Lorena [São Paulo]: Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, 1979.